

**Indivíduos e o espaço urbano: transformações e sociabilidades
no Balneário do Estreito, Florianópolis/SC**

*Individuals and urban space: transformations and sociabilities
in Balneário do Estreito, Florianópolis/SC*

Gisele Bochi Palma
Mestre em História-UDESC
gisapalma@yahoo.com.br

Resumo: As relações pensadas na cidade contemporânea envolvem diferentes sociabilidades, tanto pelo modo como as pessoas se relacionam bem como as memórias evocadas. Dentro disso, o bairro Balneário do Estreito, localizado na parte continental de Florianópolis, é pensado percebendo os processos de transformação e as diferentes utilizações do espaço urbano ao longo do século XX. A construção da avenida Beira-Mar Continental revela uma tensão presente, envolvendo o processo de “gentrificação” e também as experiências e as perspectivas em relação ao futuro, provocando novas sensibilidades. Essas relações são percebidas a partir das narrativas dos moradores utilizando a História Oral.

Palavras-chave: Cidade; Transformações urbanas; Sociabilidades; História Oral; Florianópolis.

Abstract: Relations thought in the contemporary city involve different sociabilities, both the way people relate and the memories evoked. In addition, the neighborhood of Balneário do Estreito, located on the mainland of Florianópolis, is thought by realizing the processes of transformation and the different uses of urban space throughout the twentieth century. The construction of the Beira-Mar Continental avenue reveals a present tension, involving the process of "gentrification" and also the experiences and perspectives for the future, causing new concerns. These relations are perceived from the narratives of the residents using the Oral History.

Key-words: City; Urban transformations; Sociabilities; Oral History; Florianópolis.

Localizado na parte continental de Florianópolis, o Estreito é um bairro banhado pelo mar em toda sua extensão que segue ao longo da ponte Hercílio Luz, mas quase todo ele é construído de costas para a baía. O Balneário do Estreito corresponde a uma porção recuada do bairro com características próprias, sendo uma área mais residencial que aos poucos vem sendo verticalizada. Possui uma grande praça arborizada e uma pequena marina¹ na beira da

¹ A marina, como é conhecida pelos moradores do bairro, refere-se à Marina SeaEscape Oceanic, empresa localizada no Balneário do Estreito, na rua José Cândido da Silva, que possui garagem náutica e um píer de atracação para embarque e desembarque de pequenas embarcações.

praia que abriga embarcações utilizadas especialmente nos finais de semana. Na extremidade do bairro está a comunidade da Ponta do Leal, ocupando o espaço de uma estreita faixa de areia entre o mar e o muro da Associação dos Servidores da CASAN (ASCAN).

Entremeada à construção da cidade de Florianópolis, o bairro do Estreito surgiu na formação de vias terrestres e marítimas que ligavam o continente à ilha, num tempo em que não havia ponte e muito menos carros, passando por um longo processo de transformação até chegar à formação de áreas carentes nos dias atuais e de projetos que visam um futuro promissor. Assim, o bairro pode ser entendido como um espaço inventado cotidianamente, no sentido proposto por Michel de Certeau, que faz com que um espaço se torne um lugar com sentido, ou com uma pluralidade de sentidos, pautados na vivência individual com a cidade. (CERTEAU, 2003, p.189)

Neste artigo, procuro mostrar como esse bairro se configurou ao longo dos anos, que pontos foram marcantes em sua história a partir das narrativas dos moradores e como se dão as diversas relações, as diversas sociabilidades², sendo entendidas como interações sociais que passam por um aprendizado que envolve uma prática, uma experiência. Pensando as relações na cidade contemporânea a partir do conceito de “multividades”, conforme proposto por Massimo Canevacci, no qual a identidade do sujeito dialoga com a cidade provocando uma pluralidade e uma multiplicidade de “eus” - um indivíduo singular e plural simultaneamente, sendo considerado um indivíduo com muitas identidades, um “multivíduo” -, com identidades polifônicas e diaspóricas (informação verbal).³ No sentido exposto por Nora, as sociabilidades se relacionam com as memórias, transformando um espaço, como a Beira-Mar Continental, em um “lugar de memória”, que tem como característica a capacidade de evocar um passado, estabelecer a ligação entre o passado, presente e futuro, e ainda a possibilidade de garantir a continuidade da história da própria sociedade (NORA, 1993, p.21).

² Conforme aponta Marco Morel, o termo “sociabilidade” inicialmente referia-se às pessoas e grupos em sociedade, incluindo os mais diversos laços, sem que se adotasse uma definição específica, sendo somente nas duas últimas décadas que o estudo tem se ampliado e conquistado legitimidade na historiografia. Ele indica o trabalho de Maurice Agulhon que propõe “o conhecimento das sociabilidades pela densidade da existência de associações constituídas e suas mutações num quadro geográfico e cronológico delimitado, [...] uma história da vontade associativa com dados quantitativos e comparativos, com suas mudanças no tempo e no espaço” (MOREL, 2001, p.4-5). Norbert Elias também aborda a questão da sociabilidade como algo inerente aos seres humanos, somente sendo evidenciada quando pensada numa sociedade de indivíduos e não o indivíduo e a sociedade como duas entidades ontologicamente diferentes (ELIAS, 1994, p.39).

³ Conceito apresentado na Oficina Teórica “Metrópole comunicacional: a comunicação visual entre corpos e metrópole” ministrada por Massimo Canevacci. Florianópolis: Museu Victor Meirelles, 30 jun. e 1º jul. 2010.

Uma cidade em constante transformação

Dados divulgados pela prefeitura em 2000⁴ apontam o Continente com uma população de cerca de 70 mil habitantes, sendo que o Balneário possui 5.810 moradores e o Estreito outros 6.618, com diversas classes sociais dividindo o mesmo espaço. Nos últimos 40 anos, a área correspondente à Ponta do Leal vem sendo ocupada de maneira desordenada, com construções sobre o mar, abrigando atualmente cerca de 80 famílias vivendo em condições consideradas precárias, próximas a uma saída de esgoto tratado do bairro.⁵

Até o final do século XIX o mar era apenas um lugar de trabalho para os muitos moradores pobres que tiravam seu sustento da pesca. Os homens entravam na água para pescar com tarrafas, e as mulheres para recolher moluscos e crustáceos comestíveis.⁶ Na década de 1910, o Estreito se tornou mais conhecido, sendo um ponto de encontro nos finais de semana para as famílias mais abastadas que moravam na ilha e que passavam a ter ali as suas casas de veraneio. A partir da construção da ponte Hercílio Luz (1926) é que passam a ser noticiados os banhos de mar no continente, fazendo do banho de mar um “lugar por excelência de sociabilidade” e “de colônias de pescadores, estas praias tornaram-se aos poucos balneários da elite da capital” (FERREIRA, 1998, p.83).

A atual denominação dada ao bairro Balneário surgiu a partir do loteamento do “Balneário na Ponta do Leal, no distrito do Estreito”⁷, inaugurado em 10 de janeiro de 1937, um empreendimento turístico voltado para as famílias com maior poder aquisitivo e moradoras da ilha, com pista de dança, orquestra ao vivo, vestiários para aluguel e banheiros para os banhistas, além de bar e restaurante, com ônibus especiais partindo do Centro. O que era uma grande área de pastagem utilizada para parte do rebanho que seria abatido no Matadouro Municipal, chamada de Pasto do Gado, tornou-se um balneário para as famílias tradicionais de Florianópolis.

No decorrer do século XX, a praia da Ponta do Leal estava entre as mais procuradas para o veraneio, devido à proximidade com o centro urbano, apesar da poeira das estradas do

⁴ População de Florianópolis por bairros do Continente. Dados do IBGE Censo 2000. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/portal/pmf/cidade/perfildeflorianopolis/demografia.php#bairro>>. Acesso em: 4 out. 2010.

⁵ Dados da Secretaria Municipal de Habitação e Saneamento Ambiental.

⁶ COSTA, Carlito. Banho de mar é costume recente. A Notícia. Florianópolis, 30 jan. 2006.

⁷ O Estado. Florianópolis, 9 jan. 1937, p.6.

Estreito, permanecendo como um dos balneários preferidos da elite de Florianópolis até a década de 1960, conforme analisa o historiador Sérgio Luiz Ferreira.

Para os antigos moradores do bairro, a cena de tranquilidade é recorrente em suas falas ao lembrar de um tempo que já passou. Próximo da Ponta do Leal mora Cléia de Lima Santana, de 59 anos, com seu marido e seus três filhos. Nascida em Caçador, oeste de Santa Catarina, mudou-se com a família para Florianópolis ainda pequena, na década de 1950. Ela conta com orgulho que mora no mesmo local no Balneário desde criança, na mesma casa. Suas lembranças são de um bairro bem diferente do que se apresenta hoje, quando ainda existiam dunas, com poucas ruas e poucas casas. Cléia narra suas lembranças acompanhadas da fala “Ah...era tudo diferente”. Para Cléia marcou o modo de viver, numa outra temporalidade, e sua fala é carregada de sentimento:

As pessoas dormiam de janela aberta. Eu lembro tão bem que os vizinhos aqui só botavam aquela correntinha, porque no verão era muito calor e dormiam assim. Como agora nem pensar, né. Saía podia deixar tudo aberto que não tinha perigo nenhum. [...] Isso a gente sente muita falta. Eu saía na rua conversava. Ainda costumavam muito se reunir tudo aqui ó [indicando para a rua em frente à casa e cita o nome de duas vizinhas]... Todo mundo se reunia na calçada pra conversar... Naquele tempo era tipo assim de pedir uma xicrinha de açúcar emprestado... Então era assim. [...] Daqui pra chegar até a outra esquina parava muitas vezes, pra conversar com todo mundo.⁸

As memórias de Cléia remetem aos dizeres de Pierre Nora em que “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (1993, p.9). Para ela, o bairro tornou-se um “lugar de memória”, conforme apresenta Nora, evocando um passado, estabelecendo uma ligação entre passado, presente e futuro, e ainda possibilitando o sentido de continuidade.

As falas de moradores antigos revelam o Estreito como o seu lugar como referência, ligando a sua história pessoal com a história do bairro. Fábio Silveira é proprietário de um comércio de autopeças no Estreito e é morador do bairro “desde sempre”, como ele mesmo diz. Nasceu em 1945 e sua família já residia no Estreito muito antes de ele nascer. Quando casou, há 40 anos, ele se mudou para a região do Balneário e há 20 anos reside em um prédio próximo ao estádio do Figueirense, um dos primeiros prédios com cinco andares construídos no bairro. Atualmente é considerada uma área nobre por possuir escolas, supermercados e

⁸ Cléia de Lima Santana, 59 anos, moradora do Balneário do Estreito há cerca de 50 anos. Entrevista concedida a autora em 15 ago. 2009.

toda uma infra-estrutura para a família, mas na visão de Fábio sempre foi um bairro nobre. Ele diz que a opção pelo Balneário ao se casar foi por ser “um lugar bem cuidado” e lembra como era a praia antigamente:

Uns dez anos antes [de me casar] mais ou menos [em 1960] a praia do Balneário no fim de semana era lotada. Naquela época não tinha carro também. A Lagoa da Conceição era um sonho nosso de um dia chegar lá. Eu, por exemplo, tenho uma passagem bonita: um tio meu, João, que morava em Rio do Sul, todo Natal ele vinha na nossa casa, então nós esperávamos o ano todo pra no Natal ele levar nós de carro na Lagoa da Conceição. Então, tu veja, não é porque o Balneário era a única praia, o Balneário era a única opção próxima nossa. [...] Era um bairro nobre, toda vida nobre. A Coloninha [bairro vizinho] virou aquela pobreza ali e o Balneário ficou sendo o bairro mais nobre da região.⁹

A cidade ao ser narrada no presente surge carregada de nostalgia, sendo reinventada através da memória. Como nos dizeres de Sandra Pesavento (2007, p.17), “assim como pensa o seu futuro, a cidade inventa o seu passado, sempre a partir de questões do seu presente”. Ela ainda ressalta que o processo imaginário de invenção da cidade, atribuindo significados aos lugares, “é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbe sonha a si mesma” (PESAVENTO, 2007, p.16). E o sentimento de “era tudo diferente” logo se transforma no desejo pelo progresso. Nesse sentido, “a pobreza” citada por Fábio faz parte do processo de desvalorização de áreas para posterior “revitalização”, identificando-se claramente com o fenômeno de “gentrificação”,¹⁰ conforme apontado por Catherine Bidou-Zachariasen (2006, p.22), em que as famílias mais pobres moradoras de uma determinada região são substituídas por outras de classe superior.

As notícias publicadas nos jornais falando sobre a Ponta do Leal datam que o processo de ocupação teve início em 1965. O jornal A Notícia de 2006 trazia uma entrevista com o pescador Alonso Carvalho, de 61 anos, vindo de São Francisco do Sul, em que ele dizia: “Eu trabalhei como pescador embarcado e sempre passava por aqui” e que quando estava com 21

⁹ Fábio Silveira, 64 anos, morador do Balneário do Estreito há 40 anos. Entrevista concedida à autora em 12 ago. 2009.

¹⁰ Neil Smith, um dos primeiros a trabalhar e perceber a especificidade dos países anglo-saxões, entende a “gentrificação” como uma “estratégia urbana articulada e global” com a presença de empresas internacionais nos grandes projetos urbanos e o desenvolvimento imobiliário justificado pela criação de empregos, geração de impostos, turismo e complexos culturais. No período pós-1990, Smith ressalta o abandono das “políticas públicas urbanas progressistas e a vitória das políticas neoliberais”, passando a ser visto o processo de gentrificação como “natural”, como uma “regeneração urbana”, um equilíbrio sociológico (SMITH, 2006, p.83).

anos de idade deixou a cidade natal em direção a Florianópolis.¹¹ Cléia também cita o nome de Alonso e conta sobre a vinda da família dele para a Ponta do Leal:

Eu sempre digo, eu não, o pessoal diz assim que o seu Alonso, que era o esposo da dona Tereza, que começou. Ele era de São Francisco e veio, vinha parente dele pra cá. Aí ele tinha um ranchinho logo aqui descendo, era um ranchinho que ele tinha uma canoa... Eu sei que a primeira vez que veio um parente dele, um irmão com esposa e com filhos, ele fez [uma casa] em cima do ranchinho dele. Ah, dali pronto! Daí já veio outro, fizeram do lado, e daí foi... Começou por aqui [na direção de sua casa, beirando o mar]... Inclusive seu Alonso já morreu. [...] Quando começaram a se dar conta já tinha o que... umas quatro, cinco mais, depois disso é que começou a vir gente de fora. Mas os primeiros era tudo parente dele.¹²

Alonso faleceu em 2007 e ainda continua muito presente nos discursos dos moradores da região. Selma Ramos Jampierre da Silva Carvalho, de 36 anos, é casada com um dos filhos de Alonso. Morando numa casa construída sobre o mar na Ponta do Leal com o marido e três filhos. Alonso se mudou de São Francisco do Sul para a Ponta do Leal e se casou com Tereza. Logo, outros familiares vieram de mudança. Selma conta sobre o sogro:

Meu sogro, seu Alonso, não sei se você já ouviu falar dele... seu Alonso nasceu aqui mas ele sempre foi pescador, ele tinha 25 anos de carteira antes de morrer, faz dois anos que ele faleceu. Sempre foi pescador, os filhos já aprenderam com ele. [...] O meu sogro veio por causa da minha sogra e também ficou e não saiu mais. [...] Ele trabalhava na CASAN, mas ele era pescador também...¹³

Para os moradores da comunidade da Ponta do Leal, Alonso é uma referência e é citado de diferentes formas, por diferentes pessoas. Como no entendimento de Paul Thompson, a partir da fala do entrevistado é possível apresentar novas hipóteses e versões, recuperar memórias locais sob diferentes óticas e versões, recuperar informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documentos (THOMPSON apud DELGADO, 2006, p.19).

Selma veio com a sua família de Curitiba para o litoral catarinense em busca de uma melhor situação financeira na década de 1980. Sua mãe trabalhava como camelô e acreditava

¹¹ MARTINS, Celso. Comunidade não quer ser dividida. A Notícia. Florianópolis, 29 jun. 2006.

¹² Entrevista já citada.

¹³ Selma Ramos Jampierre da Silva Carvalho, 36 anos, moradora do Balneário do Estreito há cerca de 23 anos. Entrevista concedida a autora em 15 ago. 2009. A grafia foi mantida de acordo com as falas da entrevistada por considerar parte de sua prática, no sentido proposto por Michel de Certeau.

que em Florianópolis teria melhores condições para os seus filhos, além de ter o atrativo do mar. Mas Selma lembra que demorou a se adaptar ao novo lugar:

Eu na verdade quando vim pra cá não gostei, chorava um monte, porque quando nós viemos pra cá não existia esse corredor aqui [aponta em direção a porta da casa que dá para um corredor estreito entre as casas e o muro da CASAN], nós passava por dentro da água. E quando eu ia pra escola eu tinha que entrá dentro da água. Às vezes eu botava uma bermudinha passava dentro da água, chegava ali e pedia pra moça pra passar uma agulha nas pernas, frio, inverno, jogava a água e depois botava a calça. Então eu odiava aquilo, odiava! Mas depois com o tempo foi mudando tudo e daí a gente foi gostando, gostando e hoje em dia eu sou bem acostumada aqui, gosto mais daqui, né.¹⁴

Essas memórias contadas por Selma remetem às questões apresentadas por Michel de Certeau em que uma cidade vista de baixo pode revelar suas miudezas, seus patuás, seu cotidiano, suas práticas urbanas. Um espaço inventado cotidianamente através das práticas e de novos usos de um mesmo espaço, a partir de uma situação ordinária, como a citada por Selma em suas diferentes relações com o mesmo ambiente em que vive até hoje. São essas práticas cotidianas que desafiam as estratégias colocadas no dia-a-dia de uma sociedade.

Mas a cidade também possui as suas estratégias através de seus administradores que criam novas regras a todo o momento, alterando a lógica implantada pelos homens e mulheres. No final da década de 1980, a expansão do bairro se acentuou consideravelmente, especialmente com o Decreto Municipal nº. 356, de 1989, que permitiu a construção de edifícios com até 12 pavimentos em algumas ruas do Estreito, possibilitando o crescimento vertical (VIEIRA, 2004, p.68). Este crescimento do bairro compete com os hábitos que alguns moradores continuam a manter. Assim como a placa colocada na margem do mar do Balneário pela Fundação do Meio Ambiente – FATMA (Fundação de Amparo Tecnológico do Meio Ambiente)¹⁵ indicando que a área é imprópria para banho, ou seja, poluída. Rafael, filho mais velho de Cléia, o costume de pescar nas áreas próximas ao Balneário e ela ressalta que o mar já não está mais poluído como era antes. Ela conta como é a pescaria do filho:

Ele pesca aqui, acorda de manhã vai pescar, ele gosta muito. Se dá bem com os pescadores dali [da Ponta do Leal]. [...] Não como profissão, ele gosta

¹⁴ Entrevista já citada.

¹⁵ Órgão estadual que realiza o monitoramento da qualidade das águas do mar para banho através de pesquisas de balneabilidade desde 1976.

mesmo. Dia de frio, acorda de madrugada pra ir pescar. Ele mesmo arruma as tarrafas dele, quando rasga aprendeu a costurar. [...] Mas o bom dele é que ele pega, ele mesmo limpa e ele ainda gosta de ele preparar. Ele é um pescador completo! [...] O Gabriel, o mais novo, ele gosta de ir nos banquinhos e ficar ali na praia olhando, mas às vezes com muita restrição porque ele já é mais assim pra molhar os pés e eu digo “meu filho, não faz mal não, agora já não tá...”, porque teve uma época que era muito mais poluído, né, eu disse “já não é assim que não possa molhar os pés”, mas ele não é muito chegado não. Já o Rafa não... Apesar que ele vai pescar mais longe, lá na Ilha dos Guarás.¹⁶

Para as famílias que residem na Ponta do Leal é marcante essa ligação com o mar, notada pela simples presença dos barcos de pesca na praia ou sob as casas. O marido de Selma também é pescador. Ela conta que o mar já é um costume para eles, tanto para a pesca como o convívio com o barulho.

O meu marido não imagina morar em outro lugar que não seja perto do mar. Porque quando ele tá com vontade de um peixinho, alguma coisa, vai ali e pesca, aqui ele tem tarrafa, ele pesca de rede, vai ali o mar é pertinho. Pega 3 quilos. Não tem aquele gosto ruim que a gente sente... é tudo bem fresquinho. Então é complicado pra nós. Acostumemo (sic) com o barulho do mar, do vento. [...] Se for pra outro lugar eu acho que a gente morre do coração. Eu na verdade não porque já acostumei a viver em vários lugares, mas meu marido e meus filhos sim, eles sentem falta. Se eles vão pra casa de alguém que fica um, dois dias e não tem mar, eles ficam quase doido, tem dor de cabeça e tudo, voltam pra casa. A minha pequeninha não dorme fora de casa, ela pede pra vir pra casa.¹⁷

O mar também foi um atrativo para a opção de mudança por parte da família de Cléia, vindos de Caçador para Florianópolis na década de 1950. Ela lembra:

A minha mãe veio morar pra cá porque adorava o mar. [...] Um tio meu morava aqui. Daí construiu, moraram só seis meses e ele teve que ir embora. Aí foi onde eles compraram. Ah, era lugar que ela gostava muito era esse aqui. [...] Como eu lembro de adolescente, criança, olhava outras casas assim, mas ela dizia que não, que daqui ela não ia sair e ainda dizia “isso

¹⁶ Entrevista já citada.

A Ilha dos Guarás situa-se ao largo da Baía Norte na direção do Corpo de Bombeiros que se localiza embaixo da ponte Hercílio Luz. Antigamente era utilizada para a colocação de presos, até 1930 funcionou um leprosário, voltou a ser presídio e nos anos 1950 passou por uma total restauração e lá foram instalados os serviços de apoio para a dragagem do canal do Porto de Florianópolis, desativados os serviços em 1958. A partir de 1983 a Polícia Militar de Santa Catarina, pelo seu Corpo de Bombeiros, assumiu o controle da Ilha e lá instalou uma unidade de busca e salvamentos, que funciona até os dias atuais. Dados disponíveis no site da prefeitura de Florianópolis: <http://www.pmf.sc.gov.br/turismo/lazer_cultura/praias/_html/pguaras.html>. Acesso em: 23 maio 2010.

¹⁷ Entrevista já citada.

aqui vai ser pros meus netos”. [...] Muitas coisas muda, lógico, é pra melhor, né, mas se fosse pra escolher claro que era aquele tempo assim... sabe, não tinha infra-estrutura como eles dizem, não tinha saneamento, mas a gente... era diferente... mas o progresso, né...¹⁸

O mar, neste caso, é um “pedaço”, conforme descrito por José Magnani, referindo-se ao espaço entre o privado e o público onde se desenvolve uma sociabilidade básica. “É nesses espaços em que se tece a trama do cotidiano [...]. Dessa forma, o ‘pedaço’ é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para seu exercício e fruição” (MAGNANI, 2000, p.32).

A precariedade das construções que formam a comunidade da Ponta do Leal, formada por casas de palafitas, levou os jornais a propagarem o nome de “Vila Miséria” durante muito tempo. Selma observa: “Na verdade não é que ela seja palafita, é que nós fizemos elas [as vigas] de concreto e aí a gente fez a casa em cima... É em cima do mar... mas tá mais firme que muita casa aí [risos]”. O marido conta que o terreno foi feito com um pouco de areia trazida de terrenos próximos, aterrando uma parte do mar e outra parte da casa ficando sobre o mar. “A casa é de madeira, mas as vigas são de material”, reforça o marido.

Estudos apontam que as construções de palafitas revelam uma ordenação de vida e de hábitos diferenciados, a começar pela configuração urbana que é um ambiente criado sobre a água, ao contrário de habitações sobre a terra firme.

[...] Moradores de palafitas expressam uma variedade de práticas cotidianas, as quais refletem seu ambiente de morada. As práticas envolvem o morador da palafita com o ambiente da maré, como parte do ecossistema. O envolvimento vai além da utilização como morada para um enraizamento produtivo. Nesse contexto, os moradores utilizam-se do ambiente como meio de obtenção de alimentos para autoconsumo e de pesca e mariscagem e comercialização, obtendo com isso rendimentos. As relações na zona de marés elaboram práticas e rituais, que perpassam entre os moradores das palafitas na constituição de suas identidades e no desenvolvimento do sentimento de pertença, como o rito da construção das palafitas (mutirão) e das passarelas, da pesca, a mariscagem, os banhos de mar, os mergulhos lúdicos e os festejos da maré. Esse sentimento em comunidades palafíticas é visível nas relações existentes entre os moradores a partir de múltiplos rituais. O ambiente palafitário traduz-se em "territorialidade" construída historicamente; cujo fator atua como variável na formatação do modo de vida. (GEISSLER; LOCH; OLIVEIRA, 2007, p.3)

¹⁸ Entrevista já citada.

Uma análise realizada em 2007 pelo Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Santa Catarina indicou que as habitações da Ponta do Leal possuem água encanada, luz elétrica e sistemas individuais de saneamento na maior parte das unidades (GEISSLER; LOCH; OLIVEIRA, 2007, p.6). A casa de Selma não é diferente das demais da comunidade, construída em madeira, com uma parte sobre o mar e outra sobre o terreno, em uma área apropriada. Internamente possui computador com conexão à internet, linha de telefone fixo, televisor com tela de LCD, além de uma cozinha com geladeira, fogão e microondas.

Essa realidade constatada revela um discurso feito pelo poder público e pelos jornais em que reforça a condição de precariedade da comunidade, colocando este espaço como um lugar de disputa. O sentido de ilegalidade, de terrenos irregulares, a apropriação do espaço e os sentidos dados pelas pessoas indicam a maneira como eu me reconheço e como o poder público me caracteriza. A idéia de palafitas transmite algo volúvel, fácil de ser retirado, enquanto o concreto solidifica a casa e a permanência no local. Conforme Michel Foucault, a exclusão faz parte da atual sociedade que tem no funcionamento de seu sistema o hábito de incluir excluindo. Seguindo Foucault, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007, p.160) diz que “existe uma brecha entre o dizer e o fazer que inventa um cotidiano diferenciado daquele que os discursos enunciam”. E é nessa invenção do cotidiano que comunidades como a Ponta do Leal conseguem se sustentar, estando entre o legal e o ilegal.

Enquanto isso, o bairro continua crescendo e se transformando. A cada dia surgem novos projetos, novas obras e aparecem os termos de “revitalização” nas promessas das campanhas e nos discursos políticos. Para Cléia tudo está diferente: “Agora o Balneário é considerado bairro nobre, né. [...] Tem gente que vendeu e fala ‘poxa, se eu soubesse que ia valorizar ou que ia ser assim’...”. Já Fábio percebe o crescimento do bairro de outra maneira: “A impressão que eu tenho é que a única coisa que mudou de lá pra cá é que as casas agora estão virando prédios, mas a impressão que eu tenho é de que o número de chão ocupado não mudou quase nada. Primeiro que não tem pra onde crescer.”

Nos últimos anos, o bairro tem passado por uma grande transformação com a construção da avenida Beira-Mar Continental. O projeto vem desde a década de 1950, conforme proposto no primeiro Plano Diretor, passando pelo estudo de integração do trânsito entre os municípios de Biguaçu, São José e Florianópolis, na década de 1960, para incorporação ao Plano Diretor de Desenvolvimento da Grande Florianópolis, até chegar a sua

implantação ao longo da década de 2000. O projeto envolve uma área de 180 mil metros quadrados de aterro para duas pistas asfaltadas com quatro quilômetros de extensão, um quilômetro de acesso às vias perpendiculares, ciclovia com dois quilômetros de extensão e 10,2 mil metros quadrados de estacionamento público em diversos pontos, com vagas para 500 veículos.¹⁹

Neste jogo de disputas, a comunidade também se transforma, se modifica e altera suas sociabilidades, seus hábitos e suas memórias. Selma fala que o sustento da família vem do mar, mas que eles também têm que ter outras formas de retorno financeiro para complementar a renda, pois nem sempre conseguem pescar na região. A obra para construção da avenida interferiu também na fauna da região e alguns frutos do mar já não são mais encontrados. “O camarão que pegava agora é bem pouquinho, a gente pegava muito siri naquele lado ali [onde foi aterrado]... e agora não pega mais porque fechou ali.”, lamenta Selma.

A paisagem da região do Estreito já apresenta mudanças significativas, com uma crescente exploração imobiliária, a construção de edifícios residenciais e comerciais, inclusive com a alteração no Plano Diretor, permitindo a construção de edifícios com até 17 andares. Devido à proximidade com o Centro – cerca de 4 quilômetros – e sua diversificação de comércio, ocorre uma grande procura pelos investidores e moradores, gerando o aumento gradativo nos preços de venda e locação. Novos edifícios são construídos com padrão superior ao existente na região e os anúncios dos empreendimentos trazem o apelo de “viver à beira-mar” para atrair camadas com maior poder aquisitivo e outros já chamam inclusive de “Novo Estreito”, referindo-se à área em frente à Escola de Aprendizes-Marinheiros.

Além disso, a Ponta do Leal despertou o olhar dos investidores para a construção de um Porto Turístico Internacional como um local em potencial. O projeto prevê a construção de um porto integrado a uma área de lazer, com um investimento orçado em mais de US\$ 150 milhões, sendo uma parte originada de capital privado estrangeiro, gerando cerca de cinco mil empregos diretos e indiretos. Uma área de 50 mil metros quadrados abrigaria uma marina voltada a grandes veleiros, um cais alfandegado com capacidade para quatro navios e movimentação simultânea de até dez mil pessoas, além de área de lazer com espaço para gastronomia, cultura, compras e estudos.²⁰

¹⁹ BEIRA-MAR fica pronta antes do prazo. A Notícia. Florianópolis, 17 ago. 2006.

²⁰ CIDADES: Lucro que comércio quer vem de navio. A Notícia. Florianópolis, 22 out. 2007.

Fala-se inclusive na construção de um píer com avanço de 300 metros sobre o mar, onde se estabelecerão cafés, bares, restaurantes, lojas, cinemas, teatros, hotel, centro de convenções e estacionamento para 1.800 carros. A questão ambiental estaria contemplada através da construção de um aquário marinho que reproduziria a biodiversidade de Florianópolis, na permissão para atracar somente embarcações com certificado ambiental internacional, na criação de deques flutuantes para diminuir o impacto nas correntes marinhas - tecnologia desenvolvida pelo navegador Amir Klynk -, além de uma estação de tratamento da água. O Porto, inclusive, já tem previsão para inauguração em 2014.²¹

O local em que se projeta o Porto Internacional remete Selma para a época em que se mudou para a Ponta do Leal, há cerca de 20 anos. Ela conta que na beira da praia, próximo aos ranchos dos pescadores, existia um pequeno trapiche de madeira em que ela costumava ir para passear e pescar. O espaço se modificou e agora o trapiche não existe mais. Já em meio ao ritmo de transformação, outros lugares são citados por Selma, como a varanda do quarto do casal construída sobre o mar, que permite lembrar das festas de fim de ano em que assistem o espetáculo dos fogos de artifício disparados no *réveillon*, a partir da ponte Hercílio Luz e da avenida Beira-Mar Norte, na ilha.

A criação de um porto turístico no Balneário do Estreito remete exatamente ao que Angelo Serpa afirma sobre os circuitos de residências, lazer e consumo cada vez mais restritos a uma classe de alto poder aquisitivo (2002, p.170). Assim como as imagens-síntese oficiais produzidas sobre a cidade, transformando-a em mercadoria a partir do *city marketing*, como apontado por Fernanda Sánchez (2001, p.34). Os investimentos turísticos, bem como um novo olhar direcionado ao Estreito, alteram os sentidos e os simbólicos do cotidiano da cidade, conforme indica Eni Orlandi, havendo uma sobreposição urbana de tal modo que o discurso do urbano silencia o real da cidade (e o social que a acompanha), devido a um

[...] movimento de generalização do discurso urbanista que passa a fazer parte do senso comum produzindo uma deriva ideológica que homogeneíza o modo de significar a cidade seja pelo seu uso indiferente no discurso ordinário, mas também no discurso administrativo, no do Estado, tomando as formas do jurídico ou do político indiscriminadamente (ORLANDI, 2001, p.13).

²¹ Ilha Capital. Disponível em: <http://www.ilhacap.com.br/Edicao_novembro07/materia_capa_out07.htm>. Acesso em: 20 jul. 2009.

Enquanto as obras são finalizadas, a nova avenida começa a receber um novo fluxo: os moradores que passaram a utilizar o espaço, especialmente nos finais de semana, para caminhadas à beira-mar, para passear com os cachorrinhos ou para a pescaria. Aos poucos a avenida toma forma, com o asfalto, ciclovias, pinturas, mas ainda sem iluminação pública ou policiamento, o que também permite um novo lugar para a prostituição e consumo de drogas, principalmente à noite, já que o trânsito para carros ainda não foi liberado, ficando a via deserta. A avenida também ganhou placas e uma nova denominação: “avenida Cláudio Alvim Barbosa (Poeta Zininho)”.²²

O Balneário a cada dia dá mais um passo em direção àquele sonhado bairro projetado nos anos de 1950, valorizado e com projetos turísticos. Atualmente, é um bairro interligado ao Estreito pela infra-estrutura de escolas, supermercados e comércio que atende os moradores e pela própria malha viária, mas a construção da avenida Beira-Mar, que promete ser também uma solução viária ou um caminho para a solução, abre novas perspectivas de investimentos na região, voltando-se de frente para o mar.

O que cabe questionar é se essa relação será uma aproximação ou um afastamento do mar, visto que o espaço será utilizado por uma via de fluxo rápido de trânsito. O que se pode perceber é que a obra, devido a sua dimensão e aos projetos a ela relacionados, gera incertezas nos moradores e um receio do que ainda está por vir. Assim como o constante crescimento do bairro e da cidade geram os mesmos sentimentos. A área do Estreito vem recebendo investimentos e projetos, e inseridos neste cotidiano os moradores, como Cléia, Selma e Fábio aqui retratados, revelam suas angústias em relação ao presente, expectativas sobre o futuro e uma nostalgia marcada por um passado lembrado como um lugar tranquilo. Existe assim uma tensão entre a preservação dos espaços, dos lugares de memória, e os investimentos imobiliários e turísticos, que recebem uma positividade acompanhada do termo “revitalização”. Investimentos que possuem uma lógica própria, combinando oportunidade de negócio e capital político e simbólico para a alta sociedade, que acaba sendo aceita pela população por acreditar que a cidade pode mudar para melhor.

²² Lei Ordinária de Florianópolis-SC, nº 7990 de 13/10/2009.

Referências

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Bauru: EDUSC, 2007.
- BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. Introdução. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). De volta à cidade: Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. p.21-57.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
- FERREIRA, Sérgio Luiz. O banho de mar na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.
- GEISSLER, Helenne Jungblut; LOCH, Carlos; OLIVEIRA, Roberto de. Palafitas: tipologias habitacionais em áreas costeiras de Florianópolis – SC. In: VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA LARES. USP, São Paulo, 25 e 26 de outubro de 2007. Sessão Paralela B-3: Política urbana e seus reflexos no mercado imobiliário. São Paulo: 25 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.lares.org.br/2007/img/T082-Geissler_Oliveira.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2010.
- MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca. Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2000. p.12-53.
- MOREL, Marco. Sociabilidades entre Luzes e sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 28, 2001, p.3-22.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro 1993. p.7-28.
- ORLANDI, Eni. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: ORLANDI, Eni (Org.). Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001. p.9-24.

PESAVENTO, Santa Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, vol. 27, no 53, junho de 2007, p.11-23.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século. Revista de Sociologia e Política, no 16, p. 31-49, jun. 2001. Disponível em:

<www.scielo.br/pdf/rsocp/n16/a03n16.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2010.

SERPA, Angelo. A paisagem periférica. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002. p.161-180.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à uma “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord). De volta à cidade: Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. p.59-87.

VIEIRA, Marcos Sardá. Coberturas: Elementos de Qualificação Urbana. Bairro Balneário - Florianópolis – SC. 127 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

Fontes orais

CANEVACCI, Massimo. MetrÓpole comunicacional: a comunicação visual entre corpos e metrÓpole. Florianópolis, 2010. Oficina Teórica realizada no Museu Victor Meirelles em 30 jun. e 01 jul. 2010.

CARVALHO, Selma Ramos Jampierre da Silva. Entrevista concedida a Gisele Palma. Florianópolis, 15 ago. 2009.

SANTANA, Cléia de Lima. Entrevista concedida a Gisele Palma. Florianópolis, 15 ago. 2009.

SILVEIRA, Fábio. Entrevista concedida a Gisele Palma. Florianópolis, 12 ago. 2009.